

23-05-2024

O Método de Ramazzini (VII)

As Doenças dos Pintores

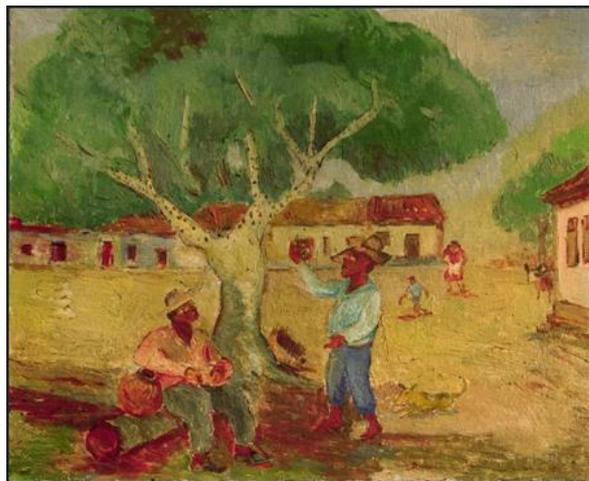
Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Ramazzini (1700) conclui “As Doenças dos Pintores” (p.61-3) mencionando: *Por sofrerem os pintores das afecções já descritas, prescrevem-se remédios especiais que corrigem danos contraídos da matéria mineral, dos quais já se tratou antes¹ e não volto a repetir para não causar tédio aos leitores.* E inicia: [...] *várias afecções costumam atacar os pintores, como tremores nos membros, convulsões, agitação, caquexia, enegrecimento dos dentes, palidez da face, melancolia e abolição do olfato. [...] Constatei, nesta e em outras cidades, nos pintores que conheci, que são todos enfermiços. Se recorrermos à história da pintura, comprovaremos que os mais renomados nunca alcançaram a longevidade.* Ilustra com os renascentistas italianos Rafael [Sanzio] de Urbino (1483-1520) e Antônio [de Allegri] Corregio (Parma, 1489-1534). Observa uma atribuição ‘aparente’ de causas associadas à morte precoce e ao comportamento: *vida sedentária e ao caráter melancólico, geralmente segregados do convívio social, que conturbam a mente com ideias fantásticas.* E aponta *outra causa latente da enfermidade: A matéria corante que têm sempre sob o nariz e nas mãos: óxido de chumbo, cinábrio [sulfeto de mercúrio], cerusa [pigmento branco composto por carbonato de chumbo ou cálcio]², verde bronzeado e azul ultramarino [respectivamente obtidos do cobre e da prata], verniz [composto de resina natural, óleo secante e solvente volátil], azeite de nozes e de linho utilizados para misturar cores e vários pigmentos extraídos de diversos fósseis.* Atualmente melhor descritas, com detecção facilitada em fios de cabelo, as intoxicações por chumbo (Saturnismo) e mercúrio (Hidragirismo) estão associadas aos agravos e/ou morte de pintores (famosos e, possivelmente, de seus ajudantes e discípulos não famosos) em épocas posteriores. Dentre eles, o holandês Vincent van Gogh (1853-1890), o espanhol Goya (1746-1828), os brasileiros **Candido Portinari** (Brodowski, Batatais/SP, 1903 - Rio de Janeiro, 1962) e **Pedro Américo** (Areia/PB, 1843 - Florença/Itália, 1905). Tarsila do Amaral também foi vítima de depressão. **Anita Malfatti** (São Paulo, 1889-1964), filha de mãe pintora que a iniciou nessa arte, nasceu com uma deficiência congênita no braço direito e tinha comportamento melancólico, episódios de depressão, tentativa de suicídio já na adolescência. Elas teriam sido vítimas de intoxicação por corantes? Ramazzini suspeitou da associação das tintas ao adoecimento dos pintores por ter visitado suas oficinas e valorizado o que faziam e diziam. *O pintor não só costumava lavar o pincel com os dedos, como também, incauto e imprudente, o chupava,* e os corantes absorvidos afetavam todo o organismo. E hoje?

Que processos e ambientes adoecem, incapacitam e matam os trabalhadores expostos a esses metais e seus compostos? Estima-se que até 800 milhões de pessoas tenham níveis de chumbo que requerem intervenção imediata visto seu impacto irreparável (neurológico, cognitivo e físico) nas crianças (Relatório Unicef [Fundo das Nações Unidas para a Infância], 2020) (**Martins, BBC, 20/07/21**). O chumbo e outros corantes se acumulam no corpo humano e na natureza e as infinitas possibilidades de contaminação só podem ser suspeitadas pelo Método de Ramazzini, a escuta, o olhar, a sensibilidade, o afeto pelos trabalhadores. Por exemplo, há o "legado multigeracional de chumbo", em que a mãe exposta pode passá-lo ao feto, o pó de chumbo que os pais que trabalham com este metal levam para casa em suas roupas, o legado do chumbo na gasolina, do esmalte em painéis de cerâmica, alguns temperos e especiarias, a reciclagem de baterias de chumbo, (**Martins, BBC, 20/07/21**), o trabalho com soldas e manejo de **fios telefônicos** e de TV envolvidos em chumbo. Nos 324 anos que nos distanciam da pesquisa magistral do Mestre, o conhecimento científico nos legou a tabela periódica de elementos químicos, regularmente atualizada (para horror dos candidatos ao ENEM) e regras trabalhistas (p.ex.: Normas Regulamentadoras – NRs), ‘regularmente’ imperfeitas e descumpridas, em descompasso permanente com a realidade dinâmica do mundo do trabalho. Haja vista que os ‘jalecos’ de proteção às poeiras do trabalho (clássico Equipamento de Proteção Individual - EPI) não são, como deveriam, lavados nas indústrias.

Encerro aqui, camaradas, parafraseando Ramazzini, há muito a nos entediar até que se proponham novas questões. Deixo-os ouvindo a canção “**Purificar o Subaé**” (Caetano Veloso, 1981), que alertava para a **contaminação** do rio homônimo, dos trabalhadores e da população de Santo Amaro da Purificação, pela Companhia Brasileira de Chumbo (Cobrac). Apreciando o singelo **Pé de Jabuticaba** (Anita Malfatti, sd), veio a pergunta: *Poderão os trabalhadores saborear as jabuticabas antes dos cachorros acabarem com elas?*



■ ■ ■

Referências: - Vasconcellos LCF, Gaze R. Saúde, trabalho e ambiente na perspectiva da integralidade: o método de Bernardino Ramazzini. *Revista Em Pauta*, 32(11):65-88. 2013; - **Ramazzini, B.** *As Doenças dos Trabalhadores*. Trad. Raimundo Estrêla. 4 ed. São Paulo: Fundacentro. 2016.

Notas: 1. *Doenças dos Mineiros* [p.29-37]; *dos Oleiros* [p.51-3]; *Químicos* [p.47-9]; *Azeiteiros* [...] e *outros ofícios imundos* [p.95-100], e em outros capítulos. 2. “**Cerusa Veneziana**” (ou “alvaiade”) foi também um cosmético muito utilizado nos 1500-1600 para clarear a pele, dar-lhe aspecto aveludado.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.